

FOTOGRAFIA, ESTEREÓTIPOS TRIVIAIS E MECANISMOS DE CONTROLE ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – PIBIC / CNPq FACULDADE DE CIÊNCIAS APLICADAS –UNICAMP LIMEIRA

Palavras-chave: : Estereótipo – Fotografia - Sociedade de Controle –Universidade -Imagens - Mercado de Trabalho.

Introdução

A proposta que aqui se concretiza é a de uma investigação através da imagem fotográfica. Dentro do campo delimitado, capturamos alguns estereótipos adotados pelos estudantes universitários e modulados pelos vetores do mercado e da mídia na sociedade de controle em que vivemos, bem como os deslocamentos, desvios e descontroles que parecem improváveis ou mesmo impossíveis diante das forças moduladoras. Através de imagens fotográficas colhidas pelas lentes da própria câmera, da câmera de outros ou selecionadas em mensagens publicitárias, pretende-se revelar os estereótipos e, por isso, agir no sentido de sua desconstrução.

Metodologia

Na primeira fase da pesquisa, foi realizado um levantamento bibliográfico, assim como a procura por fotografias e filmes de curta e longa metragem que serviram de referência audiovisual para a realização do projeto.

Como resultado, foi elaborado um texto final desta pesquisa que se articula nos terrenos da arte e da sociologia. O texto final foi por diversas vezes discutido com o orientador, que analisava não somente o texto, mas também o conjunto de fotografias registradas e que nele estavam dispostas. Assim, a captura de imagens foi feita durante todo o período de pesquisa - com recorrentes análises do professor - concomitantemente à leitura escolhida e à escrita do texto final.



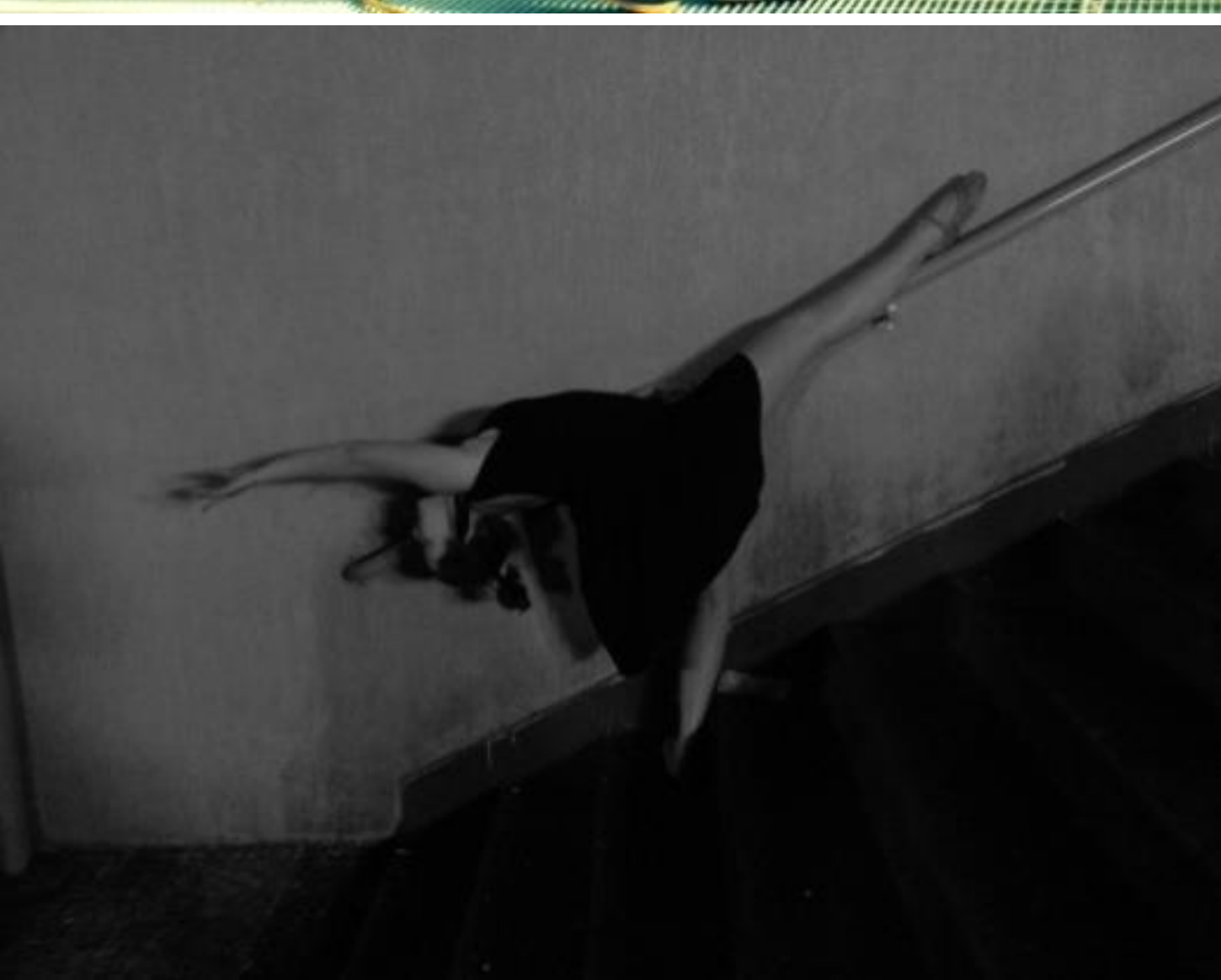
“Antes de tudo, existe uma pressão superadaptativa, que leva a adequar o ensino e a pesquisa às demandas econômicas, técnicas e administrativas do momento, a confrontar-se aos últimos métodos, às últimas estimativas do mercado (...).”
- EDGARD MORIN



“A memória não está em nós, somos nós que nos movemos numa memória-Ser, numa memória-mundo”
- GILLES DELEUZE



“Foram antes “os bons”, eles próprios, isto é, os nobres, poderosos, mais altamente situados e de altos sentimentos, que sentiram e puseram a si mesmos e a seu próprio fazer como bons, ou seja, de primeira ordem, por oposição a tudo que é inferior, de sentimentos inferiores, comum e plebeu. Desse pathos da distância é que tomaram para si o direito de criar valores, de cunhar nomes dos valores: que lhes importava a utilidade! O ponto de vista da utilidade, precisamente em referência a esse quente jorrar que juízos de valor supremos, que ordenam e destacam na hierarquia, é tão alheio e inadequado quanto possível: aqui precisamente o sentimento chega a uma oposição àquele grau inferior de calor, que toda prudência calculista, todo cálculo utilitário, pressupõe – e não por uma vez, não por uma hora de exceção, mas duradouramente”
- FRIEDRICH NIETZSCHE



Civilização de Imagem

Quando desde a infância nos apresentam imagens, sejam em fotografias, pinturas, filmes, desenhos, telenovelas, entre outros, nosso cérebro aprende a percorrer um caminho para se chegar a determinadas percepções e “vamos da percepção às lembranças e das lembranças à idéia”. [1] Desta forma, com o passar do tempo, a chamada memória passa a constituir um conjunto de lembranças que servirão de base quando realizarmos associações.

Desta forma, com o passar do tempo, a memória passa a constituir um conjunto de lembranças que servirão de base para nossa percepção. Este mecanismo psicológico das relações da imagem e dos signos está, muitas vezes, “demasiadamente preso na forma, demasiadamente sujeito à representação por semelhança para formular uma tal afirmação”. [2] No sistema capitalista não se restringe à produção artefatos que passarão a se tornar mercadoria: investe-se na imagem destas futuras mercadorias para que não percam sua eficácia mercadológica, seu fetiche. Por exemplo, contrata-se uma atriz famosa, que tem sua imagem concebida pela mídia como padrão de beleza, para expor e elogiar um “produto de beleza” num comercial de televisão, ou seja, a reprodução de imagens passa a estar a serviço de uma ideologia que caminha no sentido mercadológico “e a cada dia fica mais nítida a diferença entre a reprodução, como ela nós é oferecida pelos jornais ilustrados e pelas atualidades cinematográficas, e a imagem. Nesta a unicidade e a durabilidade se associam tão intimamente como, na reprodução, a transitoriedade e a reproduzibilidade”. [3]

O filósofo francês Michel Foucault faz uma leitura desta sutil dominação das massas no que chama de “Microfísica do Poder”, que é a imposição ideológica repousada silenciosamente no cotidiano, na moral, nos costumes, na cultura de uma sociedade fazendo com que seus indivíduos passem a naturalizar tal imposição deixando passar despercebido um sistema de informação que tem um tratamento predominantemente visual, de caráter imediatista e com forte tentativa de duplicação da realidade.

Vivemos, portanto, na “civilização de Imagem” [4] que, segundo Gilles Deleuze é “na verdade uma civilização do clichê, na qual todos os poderes têm interesse em nos encobrir as imagens, não forçosamente em nos encobrir a mesma coisa, mas em encobrir alguma coisa na imagem”, ou seja, trata-se da manipulação assentada na redundância e na ocultação.



Universidade e Estereótipos

O projeto ideológico de dominação por meio de imagens, fortalecido na aliança da tecnociência com o capital, resulta numa universidade que tem seu “universo” desintegrado em “mundos” que pouco se comunicam por conta da existência de um “muro invisível” que os circundam. Nesta pouca comunicação, estes mundos, ou melhor, as faculdades/institutos/cursos das universidades passam a se fechar cada vez mais neles mesmos ou, no limite, em suas áreas de ensino: humanas, exatas ou biológicas. E é por conta disso que ao ingressar na universidade, os estudantes se deparam, novamente, com papéis prontos que são formulados ideologicamente pela classe dominante e propagados diariamente pela mídia corporativa. Não é vantajoso para os grandes empresários (que detêm o monopólio do comércio, da indústria, da imprensa, e etc) somente investir na imagem do “bem sucedido”, mas também é preciso ofuscar certas imagens para que outras se fortaleçam criando, até mesmo, uma maneira de desonar movimentos sociais quando estes se opõem à ideologia dominante e se manifestam contra sua existência dentro e fora das universidades.

Portanto, nota-se que num ambiente onde o saber e a vida deveriam ser ressignificados, temos a forte influência de grandes corporações que tentam impor um sentido na formação dos estudantes: o sentido do capital.

Referências Bibliográficas

De cunho em parte artístico - a arte aqui tomada no sentido de sua capacidade de operar deslocamentos - este projeto propõe a sinergia entre essas imagens e seu referencial teórico fundamentado em Walter Benjamin, Michel Foucault, Henri Bergson, Friedrich Nietzsche, Edgard Morin, Fritjof Capra, Gilles Deleuze, entre outros, além de fotógrafos e cineastas como Susan Sontag, Pierre Verger, Cláudia Andujar, Andrei Tarkovski, Pedro Almodovar, Werner Herzog, Ingmar Bergman, Stanley Kubrick, Harun Farocki, Lars Von Trier e outros.



Imagem retirada do blog “Tcendoideias”



Imagem retirada da reportagem da Revista Veja sobre a ocupação da reitoria realizada por estudantes na Universidade São Paulo, em Novembro de 2011.

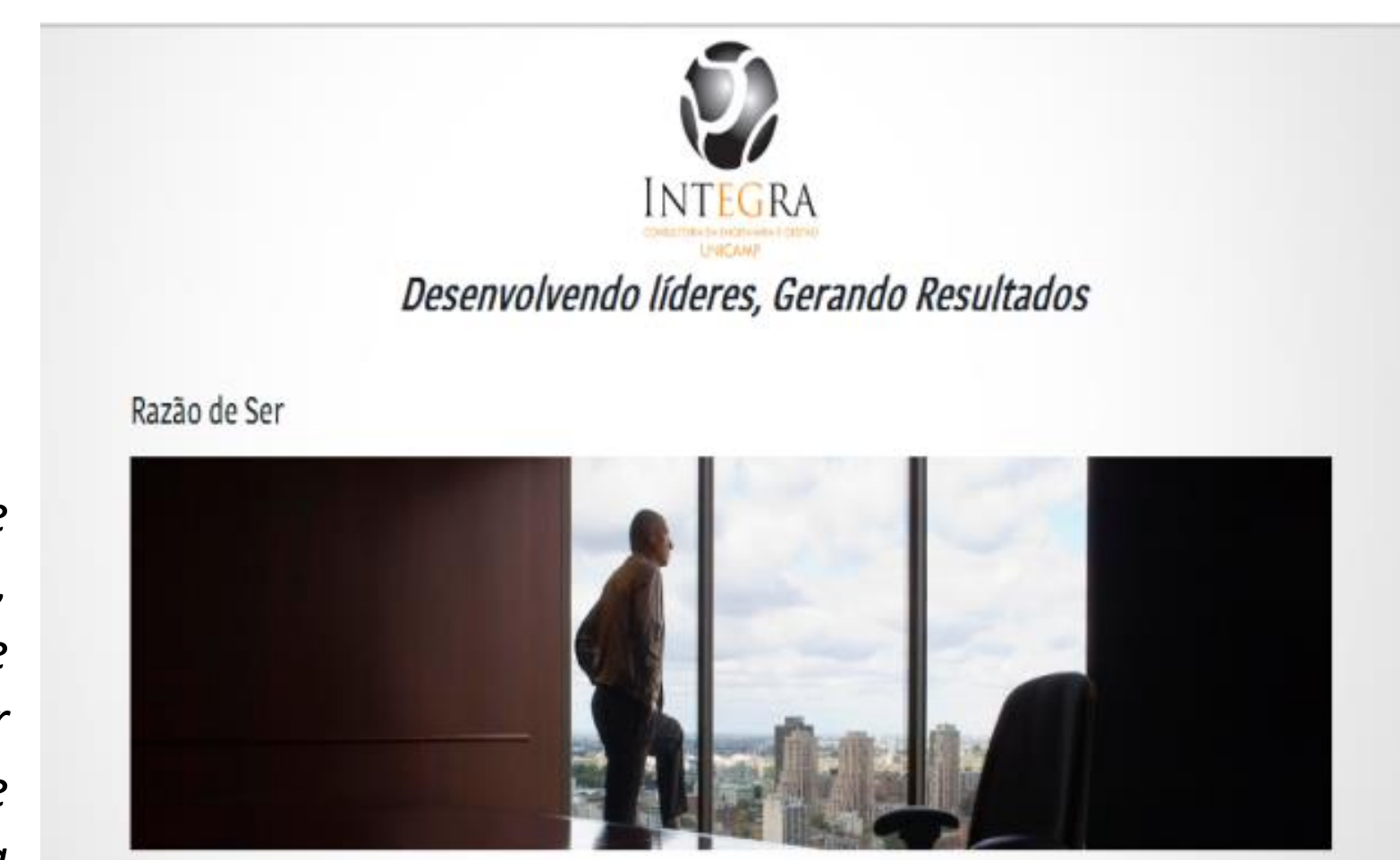


Imagem retirada do site da Empresa Junior “Integra” da FCA - UNICAMP



Imagem retirada do site da UOL – sessão “Escolha sua profissão”



“Escrever sobre uma imagem, ou seja, “explicá-la” pode empobrecer sua multiplicidade de sentido, (...) por mais que se diga o que se vê, o que se vê não está jamais no que se diz, e por mais que se faça ver por imagens, metáforas, comparações, o que se vai dizer, o lugar onde elas resplandecem não é aquele que os olhos percorrem, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem”
– MICHEL FOUCAULT

[1] Bergson, Henri. Memória e Vida – Textos escolhidos por Gilles Deleuze.

[2] Foucault, Michel. Isto não é um cachimbo.

[3] Benjamin, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política – Ensaio sobre a Literatura e a História da Cultura.

[4] Deleuze, Gilles. Imagem-Tempo.